



UMA CONVERSA SOBRE LEARNING TECHNOLOGIES: HISTÓRIAS DE VIDA E FORMAÇÃO

Edméa Santos (UFRRJ) entrevista Ana-Paula Correia (The Ohio State University)

	
<p>Ana-Paula Correia is an associate professor of Learning Technologies in the Department of Educational Studies. She has more than 25 years of experience in learning design and instructional systems technology. Specifically, her expertise in distance education, online and mobile learning, collaborative learning and entrepreneurial educational approaches have been published in nearly 30 peer-reviewed journals. She has been involved with research projects funded by Bill & Melinda Gates Foundation, National Science Foundation, U.S. Department of Agriculture, Pappajohn Higher Education Center/Kauffman Foundation and U.S. Department of Education.</p>	<p>Edméa Santos é professora titular-livre da Universidade Federal Rural de Rio de Janeiro. Líder do Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura (GPD OC), Membro e coordenadora do GT 16 da ANPED, Vice-presidente da ABCIBER – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Atua no PPGEDUC da UFRRJ e colabora do Proped/UERJ, onde foi professora permanente até o ano de 2019-1.</p>

Edméa Santos: Ana-Paula Correia, é um prazer conversar com você. Fale-nos um pouco sobre a sua trajetória, sua itinerância de pesquisa e formação no campo da Learning Technologies.

Ana-Paula Correia: Olá a todos! É um prazer ser entrevistada pela professora Edméa Santos, e estou muito contente por partilhar a minha trajetória de pesquisa. Começou há várias décadas, desde que era professora de ciências nas escolas secundárias de Portugal, no início dos anos 90. Trabalhei muito nessa altura com os alunos na sala de aula. Ao mesmo tempo, houve um programa nacional de integração da tecnologia nas escolas, o Projeto Minerva, do qual participei um pouco, não muito ativamente, mas mais nas linhas naturais. Havia também nessa época centros de técnica nas escolas secundárias, eram os chamados Centros de Informática. Nesses centros, que ficavam no Cais, na escola em que eu dava aulas, me envolvi bastante. E eles eram ramificações locais do Projeto Minerva. Esse, digamos, foi o meu encontro com a tecnologia educativa, com as potencialidades da tecnologia para meu trabalho como professora de ciências. Ser professora é um trabalho muito árduo, mas tem muitas recompensas. Quando, às vezes, teus alunos aprendem, quando vejo os olhos deles brilhando de curiosidade. Mas, ao fim de algum tempo, senti que queria mais. Não queria continuar a ser uma professora de ensino secundário e não tive a oportunidade de investigar, porque tinha muitas perguntas na minha cabeça em relação ao ensino/aprendizagem. Então, no fundo, eu queria mais, queria explorar mais, queria falar com pessoas para além da minha escola. Nessa altura, decidi fazer o mestrado em Tecnologia Educativa na Universidade do Minho e o fiz enquanto ainda era professora. Mas depois do mestrado, tive a oportunidade de ser professora estagiária e concorri. A vaga não foi, necessariamente, para Tecnologia Educativa, mas para Desenvolvimento do Currículo, mas então eu era professora de sala de aula e tinha conhecimento e prática nessa área. Depois de conseguir essa posição na Universidade do Minho, comecei a dar aulas aos futuros docentes, em Formação de Professores. A maior parte das pessoas às quais eu ensinei na Universidade do Minho, era de professores de ciências, química, física, biologia... e isso, naturalmente, me permitiu trazer minha experiência nesse tema para o nível universitário. Mas, como eu tinha o mestrado em Tecnologia Educativa, eu queria... eu ainda não estava satisfeita. Depois de ler tantos artigos em língua estrangeira, vi o que as pessoas estavam fazendo nos Estados Unidos, na Inglaterra e na Holanda, e pensei: eu quero aprender com esses investigadores e professores. E resolvi concorrer a um programa de doutoramento nos Estados Unidos, no Reino Unido e na Holanda. Era fim dos anos 90 e eu já tinha vindo para os EUA por cinco dias em 1996 e ficara fascinada com o que eu vi, principalmente com a forma como o conhecimento fluía nas redes e como os professores partilhavam o que tinham com os alunos de pós-graduação e com os participantes da conferência. Mas não tinha muita experiência sobre a cultura, nem sabia como era o

processo de admissão ao programa de doutoramento. Quando voltei para Portugal, tive de fazer essa preparação toda, completamente às cegas. A aplicação para o Reino Unido e para a Universidade da Holanda não era assim tão desconhecida, mas a aplicação para o programa de doutoramento nos EUA foi um processo de aprendizagem próprio. Primeiro, as pessoas que aplicam exigem um teste, e não só o TOEFL, teste de inglês como língua estrangeira, mas também um chamado GRE, que prediz o seu sucesso como aluno de pós-graduação. Quem não obtém nota boa nele, o aluno não é admitido. Esse teste foi, pra mim, o maior obstáculo pela preparação necessária e eu nem tinha sequer um livro...

Edméa Santos: Olha! Precizou de muita coragem e ousadia, não é?

Ana-Paula Correia: Sim. Mas eu pensei que não tinha nada a perder. A pior coisa que podia me acontecer era perder a entrada e ficar aqui, mas aqui a minha vida também é boa. Pior do que estava é que não daria. E continuei a insistir. Até que mandei um dossiê e recebi um convite para fazer uma entrevista. Naquela altura, eles entrevistavam os candidatos antes de admiti-los ao processo de doutoramento no Reino Unido e na Holanda; nos EUA, não. Sei que está ficando uma história muito longa, mas acho que tudo conta. Quando recebi o convite para a entrevista no Reino Unido e na Holanda, decidi que não ia porque era muito caro e não havia probabilidade de eu entrar no programa.

Edméa Santos: Você teria de fazer um investimento só pra conseguir a entrevista, sem nem saber se ia dar certo?

Ana-Paula Correia: Exato! Tinha de viajar, deixar a minha filha, que era bebê na época, e pensei: não, não posso fazer isso. Então continuei a esperar a resposta das três aplicações que tentei nos EUA. A primeira que me respondeu foi a Indiana University, que tinha naquela altura e ainda hoje tem um dos melhores programas do mundo, o Instructional Systems Technology, e eu fiquei muito contente. Quando recebi a aceitação da Universidade de Indiana (Indiana University), tive de arranjar financiamento para vir e concorri a uma bolsa da Gulbenkian. Eu consegui a bolsa e graças à Fundação Calouste Gulbenkian pude realizar a minha formação de doutoramento nos EUA.

Edméa Santos: Como usuária do equipamento cultural, tenho uma memória tão boa da Fundação Gulbenkian. Lá fui ver uma entrevista de Habermas e vivia naquele jardim. Ia para lá trabalhar, usar a internet, assisti a apresentações artísticas, científicas, concertos. Lembro que num domingo de carnaval, eu assisti a um concerto... e que equipamento interessante, né? Ali a gente percebe que é o uso do espaço privado para o bem comum, para o público. Também vi livros que eles publicam sobre as pessoas com os resumos das pesquisas que eles também financiam. Então você foi uma contemplada dessa Fundação...

Ana-Paula Correia: Mas nunca visitei a Fundação em Lisboa. Desde que eu me tenho por entendimento, vivi em Braga, e em Braga, no final dos anos 90, não se tinha o acesso que se tem agora. E nem agora, comparando Braga com Lisboa. Em Lisboa se tem muito mais acesso a cursos, oportunidades e pessoas para expandir a tua network, a tua rede. Quis contextualizar a luta que foi. Então eu recebi a bolsa, mas só fui à Fundação uma vez na minha vida.

Edméa Santos Você veio fazer seu doutorado nos EUA e aqui é que sua carreira acadêmica de pesquisadora se desenvolveu?

Ana-Paula Correia: Levantou voo.

Edméa Santos: Se constituiu, né? A Universidade do Minho foi um espaço onde você iniciou sua docência no ensino superior, mas foi aqui, a partir do doutorado, que a autora, a pesquisadora Ana-Paula Correia se constituiu.

Ana-Paula Correia: Sim, é correto! Então eu vou contar uma história que aconteceu aqui. Pode ser?

Edméa Santos: Sim.

Ana-Paula Correia: Eu comecei em 1999, como aluna do primeiro ano de doutoramento no Instructional Systems Technology, que é um doutoramento que tinha os melhores... você já sabe. Havia boas pessoas em todos os programas de doutorado nos EUA, mas, em Indiana, havia um grupo de pesquisadores e investigadores muito conhecidos no mundo inteiro.

É um programa com um bom equilíbrio entre a prática rigorosa e a teoria. Essa geração de teorias no campo da Instructional Technology, que é Tecnologia Educativa. Em Portugal eu tinha tido muita exposição e muito estudo e reflexão sobre as teorias, sobre os modelos, sobre as filosofias, mas nunca tinha tido muita experiência além da minha prática da sala de aula como professora de ciências, não via esse conhecimento ser aplicado na prática. Então, quando comecei em Indiana, o departamento tinha conexões com todas as indústrias locais todas, inclusive a Eli Lilly, companhia farmacêutica que criou o Prozac e que tem seu quartel-general em Indianápolis. E essas companhias vinham diretamente ao departamento, entrevistar os alunos de mestrado e doutorado para fazerem estágios...

Edméa Santos: Sei. Inserções profissionais.

Ana-Paula Correia: E até empregos finais, depois da graduação. Pra mim, foi um *brave new world*, um outro mundo que eu não tinha visto nunca. E mesmo a linguagem que as pessoas usavam quando estavam trabalhando, quando trabalharam com esses formadores, que eram formadores muito bem pagos nessas empresas, a linguagem era diferente, não era a linguagem que eu lia nos livros, que lia nos artigos de quando estudei Tecnologia Educativa. E eu tive de aprender

e fiquei fascinada com aquele mundo, porque eu não conhecia e estava curiosa. Então nós tínhamos disciplinas aplicadas, uma delas era desenho didático aplicado, e nessa disciplina o professor levava, às vezes, contatos, fundadores dessas empresas para a aula, com pequenos projetos, que os alunos faziam como parte da classe. Não eram remunerados, mas era uma prática excelente, um trabalho de aplicação, contextualizado numa prática real, não era uma coisa hipotética. Claro que eu sabia que isso ia acontecer e preparei uma equipe antes da primeira aula, perguntei quem estava interessado. Eu avancei e a gente conseguiu o primeiro emprego com a indústria farmacêutica de Indianápolis e fez um projeto pra eles que durou 10 semanas. E, claro, continuava a estudar as teorias, as filosofias e os modelos.

Edméa Santos: Qual foi o seu objeto de estudo no doutorado. O que exatamente você desenvolveu em sua tese?

Ana-Paula Correia: Na tese eu desenvolvi o uso de tecnologia para gerir o conflito em equipes Cross Culture, em equipes interculturais. Porque como o programa atraía pessoas de todo o mundo, eu usei as próprias equipes do programa, em uma primeira disciplina que todos precisam fazer, em que as equipes trabalham em projetos de desenho didático, mas são de todo o mundo, os membros são de todo o mundo.

Edméa Santo: Então o seu campo de pesquisa foi o próprio contexto da formação?

Ana-Paula Correia: Sim! Porque eu estava intrigada em saber como fazer equipes interculturais serem produtivas e terem sucesso. A minha hipótese é que elas seriam capazes de produzir soluções mais inovadoras do que uma equipe homogênea com os talentos iguais.

Edméa Santos: E você confirmou essa hipótese no campo?

Ana-Paula Correia: Confirmei porque não era minha hipótese inicial. O meu problema era que eu sabia que havia conflito, aliás, todas as equipes bem-sucedidas acabam tendo conflito, quando não é uma pessoa que diz o que fazer deve ser feito e todos os outros concordam. Mas eu queria saber se esse conflito poderia ser gerido pela tecnologia que eles usavam para apoiar o desenvolvimento desse projeto, desse desenho didático. Eu queria saber se a tecnologia apoiava positivamente ou se aumentava o conflito. O objetivo não era eliminar o conflito, era geri-lo de forma saudável.

Edméa Santos: Produtivo, que gere inovação, exatamente por conta da diversidade de ideias.

Ana-Paula Correia: Exatamente! Que te obriga a dizer por que tu pensas assim, Porque se eu concordar contigo, eu não tenho de explicar por que eu acho que devemos fazer o projeto dessa

forma. Assim, se eu não concordar contigo, eu tenho de escolher um argumento, explicar de uma forma clara, para tu perceberes o meu ponto de vista.

A experiência foi boa porque a relação com os professores, onde ficam os alunos de pós-graduação, é bem próxima. Eles realmente se interessam pelo teu sucesso e abrem portas e disponibilizam as redes deles, para tu agires como um novo investigador.

Edméa Santos: O sucesso do aluno é o sucesso do professor. Eu percebi isso na sutileza do prêmio de melhores teses, de que participei aqui em Ohio nesta semana. Professores e alunos se emocionando juntos com o sucesso da tese. Isso pra mim, Ana-Paula, foi de um conforto, porque no Brasil também é assim. A gente se emociona nas defesas, porque a gente se lembra das histórias todas vividas e a gente comemora quando um aluno publica artigo. Inclusive a gente publica produção ao longo da formação, muitas vezes, quando um aluno acaba uma tese, ele já tem muitos artigos publicados. Ele já é alguém conhecido e com visibilidade no mundo acadêmico e/ou no mundo do trabalho. Então é comum em nosso programa os egressos fazerem concursos para professores, acessarem programas em outros lugares, tudo isso. A minha primeira orientanda de mestrado e de doutorado hoje é minha colega. É vice-coordenadora do meu grupo de pesquisa. Então isso foi muito bom e é muito bom você falar sobre isso, porque eu acho que faz parte da nossa itinerância de formação, né?

Ana-Paula Correia: Eu devo muito aos meus professores da Universidade de Indiana, a forma como eles me orientaram e foram generosos para trabalhar comigo as redes deles. Nessa altura, quando eu andei à procura de um tema que me intrigava para fazer a minha tese, eu estava intrigada com essa dinâmica de grupo. Como é que as pessoas aprendem umas com as outras. Claro que foi no contexto de equipes que estavam trabalhando um problema de desenho didático. Eu não sei se *learning design* é traduzido por desenho didático ou por desenho de aprendizagem.

Edméa Santos: De aluna de doutorado, você foi nomeada professora. Como foi a sua carreira na Iowa State University?

Ana-Paula Correia: Quando comecei a trabalhar na Iowa State, tinham iniciado um programa de mestrado online, desenhado especificamente para professores que não podiam ir até Ames, Iowa, fazer um mestrado presencial. Então havia muitas aulas online que eu tinha de ministrar e pensei: já que tenho essas aulas todas e esses alunos todos, vou fazer minha investigação, fazer minha pesquisa, sobre *online learning and teaching*. Então fiz a investigação de sobre como as equipes trabalhavam à distância, e o meus interesses, além da equipe presencial, eram essas equipes que se encontravam em rede virtual. Isso pra mim era fascinante e fiz a

investigação sobre esse aspecto do trabalho online e também sobre como manter os alunos engajados.

Edméa Santos: Então você viveu na verdade a pesquisa acadêmica, a docência e a orientação de dissertações?

Ana-Paula Correia: Sim. E os meus alunos estavam também interessados nesses fenômenos e exploraram esses fenômenos. Uma das minhas alunas, que agora é professora na Iowa State, veio da Turquia fazer doutoramento comigo. E a tese dela foi sobre como é que se faz a transição da aula presencial de qualidade para o online. Essa pesquisa fez muito sucesso e gerou muitas publicações em periódicos de nota máxima. A essa altura me envolvi muito mais com um programa que na Iowa State se chama Human Computer Interaction.

Edméa Santos: Como foi a transição para a Ohio State University, hoje o maior campus universitário dos Estados Unidos?

Ana-Paula Correia: A grande motivação da mudança foi manter a família junta. Minha filha mais velha optou pela Ohio State University. Daí foi selecionada no College of Education and Human Ecology. Hoje dirijo o Centro para a Educação e Formação para a Empregabilidade e atuo no mestrado e doutorado em educação. Interessante que a primeira aula que me deram foi de Online Master of Learning Technologies, onde eu tinha muito mais experiência, e fui trabalhar com um grupo extremamente diferente, uma audiência mais diversificada. Não era só para professores de sala de aula, era também em uma universidade com mais recursos do que a Iowa State. Nesse momento, comecei a fazer a investigação nas minhas próprias aulas. Esse mestrado é oferecido pelo College of Education and Human Ecology, sendo que ele recebe profissionais que não necessariamente são professores ou que fizeram educação, mas estão prontos para mudar a carreira. Eu tenho aquela aluna que está fazendo o doutoramento em inglês, que não consegue desenvolver uma carreira satisfatória, com mais empregabilidade.

Edméa Santos: Na área da Tecnologia Educacional, no Brasil, ainda se usa muito a noção de Instructional Design para designar o campo do planejamento e das práticas, processos e produtos educacionais com tecnologias.

Ana-Paula Correia: Não traduziram?

Edméa Santos: Não. Usa-se essa palavra, esse conceito, incluindo o referencial americano ou anglo-saxão. A gente tem no Brasil, inclusive, associações específicas de educação a distância que empregam muito o termo Instructional Design. Só que, no Brasil, quando se vem de Paulo Freire e teoria crítica, a gente gosta muito de revisitar os conceitos, pegando o seu limite na tradução, tá? Por isso que, às vezes, é importante a gente perguntar qual é o sentido. Porque, por exemplo, quando eu vi você no site se colocando como instrutora, pra mim, instrutor no Brasil, não é que seja uma profissão docente menor do que a de professor, mas é alguém muito mais focado no

ensino técnico e não em todo o processo. Voltando à expressão Instructional Design, ela é usada, praticada, é tudo isso, só que alguns professores preferem não reduzir a educação à instrução. Então a noção de desenho didático acaba sendo mais ampla, porque a didática é esse processo de ensinar e aprender mais amplo. Porque você tem o grande guarda-chuva educação, o processo, o fenômeno. Aí você tem o ensino, que é um elemento da educação, e dentro do ensino você tem a instrução, que é um elemento do ensino. Então a gente prefere usar desenho didático, porque envolve mais que instrução, que é um elemento do ensino. E a gente sabe, inclusive, que é uma polêmica essa questão do ensino. Mas não tenho problema de falar em ensino, porque Paulo Freire já dizia que ensinar é ser epistemologicamente curioso. Então para isso, para ser etimologicamente curioso, não há ensino sem pesquisa, sem pergunta, não é? Mas alguns colegas refutam ensino, o que eu acho uma pena. E aí você tem o foco na aprendizagem, pois acho que quando se fala de docência é errôneo. Nascemos condenados a aprender, todo mundo aprende, com mediação ou não, do ensino. Mas como pedagoga eu acredito, sim, que a gente precisa investir no ensino, na pedagogia, em tudo isso. Enfim, só pra você entender o nosso contexto.

Ana-Paula Correia: O que eu posso dizer é que, nos últimos cinco anos, deixei de usar o termo Instructional Design e uso o Learning Design, porque *learning* tem mais essas características didáticas. O *instructional* parece que é a fala daquele que sabe para o que não sabe.

Edméa Santos: Ana-Paula, como você conceituaria hoje a noção e o campo da Learning Technologies?

Ana-Paula Correia: Essa noção evoluiu ao longo dos anos e ultimamente eu tenho usado como referência um livro que foi publicado em 2008, assinado por Michael Molenda, que foi meu professor na Universidade de Indiana. Ele escreveu com um colega dele, Al Januszewski. Tenho usado esse livro como referência. Mesmo com as modificações do tempo, creio que eles fizeram uma boa síntese da noção do campo e de onde estamos nesse momento. Lógico que, em 2018, essa definição já foi alterada, mas continuo fiel a ela porque tem várias coisas nela que admiro. Então vamos começar pela definição. Eles dizem que é o estudo e a prática ética e eu acho que isso é muito importante, não é só estudar, mas estudar eticamente.

Muitos pesquisadores, quando fazem investigação sobre Tecnologia Educativa, se esquecem um pouco da importância do sujeito. E aí muitos estamos a trabalhar com crianças, e questiono muito essa abordagem da investigação educacional, no campo da tecnologia educativa. Por isso, quando vi essa definição que destaca a forma ética, fiquei entusiasmada. Colocar o foco mais no aprendente que no ensino promove e melhora o desempenho. Se quiserem melhorar a participação

dos teus alunos em sala de aula em termos de discussão, às vezes a própria disposição das cadeiras, os móveis, a temperatura e a luz ajudam. Isso é só um exemplo de que o desempenho não depende só da boa formação. Às vezes passar por outros sistemas melhora o desempenho, mas não são educacionais por si, coisas que ocorrem normalmente quando se está só focado no processo de ensino e aprendizagem. Eu analiso o desempenho através da criação, do uso e da gestão de tecnologias e processos apropriados. Então o que é uma tecnologia apropriada? Geralmente, no nosso campo de trabalho da tecnologia educativa, a gente se pergunta: O que é tecnologia? O que significa usar a tecnologia de uma forma apropriada? Então essa definição de tecnologia que tem me guiado desde 2008 é uma definição que tem os elementos todos que valorizo, que são prática e ética, a abordagem geral e ampliada do que é ensino e aprendizagem. E outras coisas que impactam o desempenho, além do fato de que processos tecnológicos e com recursos não têm de ser necessariamente dispositivos. Então o autores explicam que as tecnologias, a aplicação das tecnologias para resolver um problema prático, não precisa ser um dispositivo, pode ser uma maneira de pensar.

Edméa Santos: Você traz a noção de dispositivo como um artefato. Em nossas práticas de pesquisa-formação, por exemplo, lançamos mão da noção de dispositivo a partir de Jacques Ardoino, que sustenta que dispositivo é qualquer meio material e ou intelectual. Então tecnologia pode ser também modos de usos, modos de fazer, modos de pensar.

Ana-Paula Correia: A ideia é que a tecnologia também possa ser o planejamento, o design e os processos intelectuais, como, por exemplo, a maneira de utilizar os *media* ou com processos intelectuais para ajudar as equipes a serem mais produtivas. Eu estou mais voltada para este lado da tecnologia do que para o lado dos produtos físicos. E quando eu ofereço essa definição de tecnologia aos meus alunos, eles ficam muito surpresos, porque eles pensam que tecnologia é uma coisa física. Então, a partir daí eles pensam: Então se uma avaliação ajuda a fazer evoluir um processo intelectual, ela pode ser considerada um tipo de tecnologia.

Edméa Santos: Poderíamos, então, sistematizar como usos, processos e produtos?

Ana-Paula Correia: Sim. E o processo é muito importante. Porque se os produtos não forem adotados pelas pessoas que tu queres que usem, por exemplo, as aplicações não têm sucesso no mercado, porque as pessoas que os projetaram não levaram em conta os processos, o que as pessoas vão fazer com os produtos, não pensam em um *target*, em um grupo que tu focalizas como o grupo pra quem tu projetas, que vai ser o mercado para o teu produto. E eles não incluíram no projeto as visões e as vivências de quem vai utilizar este produto. Por isso, para esse grupo esse

produto não vai ser apelativo e ninguém vai comprar. Quando se desenha pra sala de aula uma aplicação, as crianças não usam, porque as pessoas que desenharam a aplicação não tinham as preferências das crianças em mente, não tiveram as vivências, não tiveram os gostos delas. Então os meninos fazem porque são obrigados pelo professor e acham chato o jogo. A ideia é de jogos educacionais, mas no fundo é só prática e recepção. As crianças, às vezes, jogam o jogo porque não querem desapontar o professor.

Edméa Santos: Poderíamos até falar um pouco mais sobre ética, porque, por exemplo, no Brasil há aqueles protocolos de ética em pesquisa, como os feitos pelos colegas do campo da medicina, da psicologia, e quando a gente examina, nós da educação e dos estudos culturais, das ciências humanas, a gente percebe que aqueles códigos de ética não nos servem, principalmente nas intervenções práticas. Gostei muito de quando você usou o exemplo com as crianças. Muitas vezes você segue aquele protocolo e isso não garante que você esteja sendo ético. Então, ética também é um ponto para conversarmos em outro momento e fico feliz que você esteja preocupada com isso também. E a gente prefere inclusive praticar éticas outras. Eu me lembrei agora de um congresso a que eu fui em que o palestrante principal falava sobre ética no ciberespaço. Aí ele trouxe o caso de uma comunidade de adolescentes que tinha problemas com alimentação e perguntou: “Será que é ético um investigador pesquisar em uma comunidade dessa, saber que os adolescentes estão pensando em suicídio e não comunicar nada pra ser ético? Será que vale a pena ser ético e deixar as adolescentes morrerem?” Então são tensões da pesquisa no nosso dia a dia que a gente precisa, com certeza, explorar um pouco mais.

Ana-Paula Correia: Principalmente agora com essa febre das learning analytics, big data.

Edméa Santos: Pesquisa com bases de dados, big data.

Ana-Paula Correia: Sim. Eles recolhem quantidades enormes de dados dos estudantes. Vamos só pensar nos estudantes agora. E os estudantes usam sistemas de gestão de aprendizagem, que estão programados para recolher grande quantidade de dados. E os dados estão todos misturados porque se não fica difícil de limpar tantos dados. Mas eles estão desenvolvendo intervenções de aprendizagem, e os alunos que estão inscritos na aula e usam os sistemas de gerenciamento de aprendizagens nem sequer sabem que há aquela quantidade enorme de dados que está sendo colhida automaticamente, mas eles precisam dar o seu consentimento. Mas se eles nem sequer sabem que os dados estão sendo recolhidos... e se o aluno diz que não quer participar, o investigador tem de gastar muito dinheiro e energia para separar os meus dados dos meus colegas e

eles não estão fazendo isso. E isso me preocupa bastante, porque é uma coisa que vai piorar e que é uma questão ética.

Quando eu trabalho no Facebook, que é uma rede social, eu já sei que corro alguns riscos. Outra coisa é tu vires a uma universidade, participares como aluno e o sistema ficar vendo seus dados. São dados dos estudantes! Ele vêm pra universidade e se inscrevem em um curso achando que estão num ambiente seguro. E que vão pedir seu consentimento quando quiserem fazer uma investigação. Não é a rede social. Eles não pensam que é um risco. E isso pra mim é um grande dilema. E que vai se tornar cada vez maior.

Edméa Santos: Muito obrigada pela acolhida em seu laboratório e grupo de pesquisa, Ana-Paula. Esta primeira visita técnica, de muitas que virão, foi para mim uma ambiência formativa fecunda e uma oportunidade única na ampliação de meus repertórios.

Ana-Paula Correia: Eu que agradeço, Edméa Santos. Achei muito boa a nossa conversa. A oportunidade de rever a minha história e carreira com você, não só me causou prazer, como também foi bastante formativa para minha pessoa.

Columbus, Ohio, Abril de 2018.

Submetido e Aprovado em Outubro de 2019